

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Director,

Vitorino Simões Lopes Sampaio

Propriedade da Empresa de **A Velha Guarda**

Editor,

Aleindo Dias Pereira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tip. do «Noticias de Fafe»: Rua Monsenhor—FAFE

“Pretendo apenas demonstrar, números à vista, que a nossa administração financeira não foi, de 1919 a 25, o caos, a imprevidência e a ruína. Sofreu de males, de que por igual enfermaram outras administrações públicas e particulares, e realizou, quando lhe foi possível, um esforço honesto de re-organização e de ordem, que é injustiça revoltante negar ou até diminuir”.

(Do «Primeiro de Janeiro» de 3—6—930).

MARQUES GUEDES.

O II Congresso dos Combatentes da Grande Guerra e o MONUMENTO AOS MORTOS DA GUERRA

Em Outubro realizar-se-há na cidade de Coimbra, o IIº Congresso dos Combatentes da Grande Guerra, tendo sido para isso nomeada uma comissão composta pelos Ex.ªs Srs. Comandante Pereira da Silva, Dr. Mac-Brid, Dr. José Pontes, Tenente António de Campos Rego, Capitão Artur Bastos dos Reis, António Antunes e Eduardo de Faria.

E' de esperar que, mais uma vez, os Combatentes da Grande Guerra vão afirmar a sua vitalidade, velando pelos direitos sagrados das viúvas, órfãos e mutilados, estudando leis de protecção e defesa que sejam uma garantia para os homens que lutaram pela Pátria e para todos aquêles que se sentem orgulhosos de descender dos nossos queridos Mortos.

Incumbe também acarinhar a ideia de uma melhoria de situação para aquêles que, embora tivessem cedido ao impulso que lhes adveio do ideal e que os afastou das suas carreiras, todavia são lídimos combatentes e deram o melhor do seu esforço em prol da Pátria—concurso generoso que nos comóve e arrebatá.

Há-os que vivem na miséria, como o reconheceu o próprio snr. Ministro da Guerra, e sabe-se também que cada mês que decorre nesta existência desesperada, mais dívidas acumulam e maiores dificuldades lhe sobrevirão no futuro—o desprestígio da farda que envergam,—dadas as dificuldades criadas pela crise de desemprego e pela nenhuma fraternidade daquêles outros que se ufanam de possuírem um coração sensível quando é certo que este não é mais que um seixo duro e irremovível.

Para prestígio do Exército, somos dos que entendem que este é um dos pontos capitais a versar no próximo Congresso, para satisfação duma Assistência Moral e Material que urge provocar, dando-se

de novo as mãos os que são filiados na Liga, e acabando de uma vez para sempre com as retaliações e ódios que, por acaso, possam existir.

¿ Não bastará a sua condição de vencidos da vida, num decurso de 3 anos, para castigo e pena do seu erro, se erro houve?

Pela pacificação da família portuguesa, é obrigatoriedade pensar-se a sério no assunto.

Outro ponto que, a nós vimearanenses, nos interessa ao recordar a realização do Congresso, é nem mais nem menos que o problema do Monumento aos Mortos da Grande Guerra.

Enquanto terras pequeninas o levantam para honra e memória dos que tombaram pela Pátria, Guimarães, sempre retardatária, satisfaz-se com a placa que existe nos Paços dos Duques de Bragança, e permite que a selvaria indígena fosse a ponto de arrancar do local destinado a esse monumento, a tabolêta que indicava esse desejo do nosso Povo, do Povo que regou com lágrimas a perda desses seus heroicos filhos!

E' espantoso, que nunca se tivesse pensado a sério no dever que há a cumprir!...

Razão teve, pois, a Liga para escolher para sua divisa este soberbo pensamento de

António Granjo, tipo de soldado e de patriota: «Parece haver muitos portugueses que trazem dentro de si os corações mortos. A nossa vida parece estar só nos nossos olhos para nos odiarmos, e nos nossos lábios para nos caluniarmos».

Guimarães sofre desse mal. Afunda-se no atoleiro da ganância, e mostra-se mais usurária do que patriota.

«Nos homens que na África e na Flandres afrontaram a morte compete saltar para o parapeito e gritar a esses corações:

—MORTOS, A PÉ!»

A quem nos lê de graça sem que lhe seja oferecido o jornal.

Prevenimos todos aquêles que nos lêem de graça, que do próximo número em diante principiaremos a publicação dos seus nomes, em quadro d'honra, para que assim fique bem retribuído o nosso agradecimento pelo auxílio prestado a este pequeno baluarte da República.

A administração.

Lêde e propagai «A Velha Guarda»

D. João Tenório Gerindo e conquistando...

Ouvrons notre ame à l'amour,
La jeunesse n'a qu'un jour!

Aquêles jesuita andou cucando
Atráz da linda moça das argólas...
E, com o seu feitio untuoso e brando,
Rendia-lhe á sucupa umas graçolas!

Mordido por desejo abominando
E sonhando nas doces carambólas,
Perseguiu a moçoila, namorando...
—No antegosto de untar-lhe as rijas molas!

E, para gerar n'ela ardôres mds,
Poz-lhe no seio uns mizeros cem páus,
Segundo é já bem público e notório...

—Está provado, pois, que o tal regente,
Na escuridão da noite, infelizmente,
Não era mais que um vil D. João Tenório!!

28—4—930.

GUEDES ARROIO

SARDINHEIRAS E POLÍCIA

Foi no último sábado. Ao fim da tarde, na rua de Paio Galvão, era um consólo vê-las em frente da Sociedade Martins Sarmiento, assentadas no passeio, com os tableiros da sardinha ao lado, numa bicha que dava a impressão de mercado de peixe.

Fartum de sardinha, cheiro terrível, que não chegou à pituitária de dois pacíficos polícias que presenciaram o espectáculo e que talvez tivessem ido afogar esse cheiro lá para as bandas da *Pescoça*, para bom cumprimento do seu zelo.

E' extraordinário tudo isto! Concebemos que vegetam... parasitariamente 7 polícias e demais zeladores, e que Guimarães continue a oferecer ao visitante, um espectáculo deprimente e sujo.

¿ Quem providenciará?

Liga da Mocidade Republicana do Norte (Núcleo de Guimarães)

Reúni na passada quarta-feira a Comissão Instaladora da Liga da Mocidade Republicana do Norte (núcleo de Guimarães) sob a presidência do cidadão Dr. José Rodrigues, que exarou na acta um voto de pesar pela morte de José Maria Gomes Alves, pai do nosso filiado sr. Alberto Gomes Alves, e versou assuntos de magna importância para o bom funcionamento do núcleo vimaranense, avultando entre estes, a iniciativa de se conseguir a convocação duma reunião de todos os republicanos para que seja prestada homenagem condigna ao sempre saudoso Dr. António José d'Almeida.

Dr. Alexandre de Córdova

Foi com grande satisfação que lêmos na carta de Viana de 31 de Maio findo, inserta no jornal «O Primeiro de Janeiro», a visita que este nosso correligionário e amigo fez aquela linda cidade à beira «Lima».

Cumprimentamos o distinto poeta e considerado caudido, com os protestos da nossa solidariedade, desejando-lhe muitas felicidades.

História do Regimen Republicano

Recolhem-se assinaturas na Papelaria da Porta da Vila, junto da Filial do Banco do Minho, pertencente ao Snr. L. Oliveira & C.ª.

CARICATURAS MORTAS E VIVAS

II

Sua Alteza-Real!... E' ele!... Ah! 'stá coberto de crachás e de comendas!... Não é um rei-de-páus, nem um Pachá, Nem rei-batalhador de priscas lendas...

E' o rei-spiritual que bate a inércia De todos os rezeiros deste mundo!... E' o 'spirite-fatal do rei-da-Grécia, E' o cérebro de rei—o mais profundo!...

Em outras éras foi Imperador Do soberbo Japão! E, hoje, altivo, Deste terraqueo-orbe é o Senber, E' o supremo-rei—um Cristas-vivo!

E' vê-lo magestoso em procissões De quadro alçado ao peito, incomparavel!... Rebriham-lhe os crachás e os medalhões!... Sua Alteza-Real!... — O Formidável!...

Recostado no trôno, dita leis, Reforma em coisas boas coisas tóscas!... E até nas horas de ócio faz pastéis, E há até quem diga que faz rósocas!... (*)

O Cristas gira o sól e fáz uivar O vento, em seu Poder Alto e Divino!... Mas quem o fáz, qual burro, trabalhar, Amarrado á maceira, é o Avelino!...

Meu pobre D. Mané!... Quão demente E' o povo que te apóda de loucura!... Vives, vives feliz!... E até contente Um dia has-de baixar á sepultura!...

Maio de 1930.

DELFIN DE VIMARANES

(*) Rôcas de pé de lá.

A ETERNA QUESTÃO

DO

Museu Alberto Sampaio

Onde se avalia, pela história dos vitrais, da mão-de-obra do "arqueólogo" encarregado das obras do supracitado museu

Já não restam dúvidas acerca das provas aqui apresentadas contra o sr. Alfredo Guimarães, que nas obras de restauro tem usado duma má-fé que arrepia.

Sabemos que o "arguto" investigador tem andado a atamancar as contas e que de tudo que aqui se escreve tem dado conhecimento ao sr. Director Geral, queixando-se dos amargos de boca que tem sofrido pela imposição da Verdade.

Agora, no propósito de bem esclarecer o assunto, vamos pegar-lhe pela maneira como ia arranjando obras, mesmo que não tivesse dinheiro para elas—a história dos vitrais—segundo-se no próximo número a das tripas.

Bastariam as declarações de todos aquêles que por necessidade tiveram de se abeirar do "megalómano" para o reduzir a lama, o descobrir em seus malefícios, para o apontar como o intrusão-mór que vegeta debaixo da rosa do sol. Mas, não. Lentamente, com a pachorra própria de quem acusa, iremos desfiando o sudário do inclito vimaranense que diz ter gasto muito dinheiro do seu bolso, quando é certo que os trinta e tal contos gastos e mais os quarenta que devia aos mestres d'obras, põem de sobreaviso todo o homem que caiu na malha da vigarice, na teia enorme que o pseudo-director teceu e urdiu, para lhes apanhar o dinheiro, espantando-os, fazendo-os mudar de côr.

Vamos, pois, á história dos vitrais.

Feito o contracto com um fornecedor do Porto, na presença dum industrial desta praça, S. Ex.^a num arroubo inerente ao seu safado carácter, prometeu mundos e fundos, que tinha muito dinheiro em subscrições e que pagaria imediatamente os vitrais, logo que estivesse concluída a encomenda e de que tinha muita urgência.

Acreditado em sua palavra, amigo fornecedor executou prontamente a encomenda, remeteu-a para o sr. Alfredo, e encarregou esse seu amigo industrial, o sr. João Figueirêdo, de receber o custo dos vitrais, passando-lhe para isso uma credencial.

Cumpridos os desejos do homem, o sr. João Figueirêdo apresentou-se ao "erudito" arqueólogo para receber a referida importância. Amigo não aparta amigo, tinha já de baixo da língua a resposta: "ainda vou medir, e logo apa- reça-me por aí".

Zás, o sr. Figueirêdo deu

meia volta, e, conforme ór- dens recebidas do talentoso "calceteiro", voltou pela tar- de à Oliveira.

Logo nova expressão na boca do nefelibata: "ó diabo, agora não tenho aqui quem me ajude; o melhor é vir amanhã!"

E assim, decorreram dias, dois, três, meia dúzia, até que apareceu de improviso o fornecedor.

Aqui, caiu Troia. O "par- lapatão... histórico", o "a- fonso-domingues", simulou uma tosse convulsa que se repetia todas as vezes que o homem lhe ia a falar nos vi- trais e no seu rico dinheiro, e dava novo rumo à conversa, floreteava o vocabulário como bamboleante e arguto que é, e de novo uma tossiqueira o tomava de todo, espertinan- do-o em vibrações... engu- lhosas.

Desta feita, o fornecedor não lhe pôde caçar palavra e resolveu retirar-se, encarre- gando uma vez mais o sr. João Figueirêdo de tratar do assunto.

Um mês, dois meses... seis meses, é o homem sem- pre à espera do dinheiro até aqui há pouco tempo. Do contracto, das promessas, nem raça. Vigarizou sempre até que encontrou papalvos que ardessem com a massa.

Tableau.

"O Zézista"

Talvez no próximo domingo veja a luz da publicidade este quin- zenário humorístico-literário, que se publicará sob a direcção do sr. Américo Alves Ferreira.

De esperar é que seja bem recebido pelo público, pois dada a valiosa colaboração com que conta, será um jornal para toda a gente e que poderá entrar em todas as casas.

Nascimento

De domingo para 2.^a feira teve a sua *délivrance* a esposa do nos- so ilustre correligionário, Dr. Jerónimo Rocha, que actualmente exerce as funções de Delegado do Procurador da República na Comarca de Espozende.

Mãe e filho encontram-se bem. Os nossos cumprimentos.

Declaração

A família do malgrado José Maria Gomes Alves, que foi Chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Guimarães, reconhecidamente agradece as manifestações de pezar que lhe foram prestadas, e o seu reconhecimento é tanto maior visto não terem sido feitos convites, cumprindo-se, assim, o desejo manifestado nos ultimos momentos do extinto, que queria que o seu funeral fôsse o mais modesto possível, dispensando e repu- diando qualquer homenagem que a Comissão Administra- tiva lhe quizesse prestar.

Coito de critérios

não avêssos

Por L. COELHO

I

(Continuação)

Desenhados já os efeitos da intolerância do regimen, para maior asserção da verdade transcreverei ainda algumas passagens da exposição feita pelos governadores ao monarca que reputo de grande importância para complemento do meu objectivo a atingir.

Resa assim:

"Estes factos, que não são occultos á alta compreensão de vossa magestade, e outros que se poderiam produzir, se necessário fôsse, demonstram evidentemente que Portugal tem chegado a uma crise em que ou há-de sofrer uma revolução das fortunas, a desordem, a anarquia e outros males, que tráz consigo a aniquilação do crédito público, ou se há-de, sem a menor perda de tempo, cuidar em aumentar a receita sem novos impostos, que as presentes cir- cunstâncias não admitem, e em diminuir a despesa, cortando não só a supérflua, mas ainda mesmo a necessária, insistindo constantemente na reforma, até que a saída anual corresponda á entrada em uma sobra racio- nal, que se haja de aplicar in- defectivamente á amortisação das dividas do Estado".

—A intolerância é cega e não escuta. Mete os ombros a uma iniciativa, e muito embora lhe indiquem, em alta grita, que vai mal, há-de forçosamente atingir o seu fim, use dos meios que usar. Procede sem contem- plações, sem um princípio que se diga aceitável, persuade pela repressão, e uma promessa é sempre uma ameaça.

Para explicar o ponto difficil de qualquer questão, é capri- chosa e autoritária como aquela figura de mulher das Sátiras de Juvenal, e proclama como alude a sua vontade despótica: *Hec volo, sic jubeo, sit pro ratione voluntas*, despresada por regra a locução inglesa que devia ser sempre divisa dos homens: a honradéz é a melhor politica.

—A situação financeira a que era de urgência acudir, e para o que os governadores enten- diam dever criar aumentos de receita, diminuindo ao mesmo tempo a despesa, pela obediên- cia cega á corte continuou a ser um pavoroso descalabro.

Entregavam-se aos agentes do Rio de Janeiro 600 contos de reis destinados ás despesas de tropas que guarneciam a margem oriental do Rio da Prata, im- portância essa que havia de ser paga integralmente em met- al.

A despesa do exército no Con- tinento, "sobretudo porque nê- le havia numerosos officiaes britânicos", a quem se pagava mais do que generosamente, pois subiu, em 1818 a 5.128 con- tos de reis, numerosos redondos, e, em 1819 a 4.960.

Em face deste bôdo dado á força armada, a iminência de acontecimentos graves tomava proporções assustadoras.

É como nada havia que pudesse evitar o choque, di-lo ainda Fernandes Mendes "a policia fa- rejava por todos os lados, de dia e de noite, o menor inci- dente, o mais insignificante indício de descontentamento, para proceder sem contempla- ções. No meio de toda a espanta- tosa miséria publica, alguém que se mostrasse pouco satisfeito com a intensidade da sua desgraça era tido como um criminoso".

F'ALECIMENTO

de José Maria Gomes Alves

O honrado Chefe da Secretaria da Câmara Municipal.

No dia 31, pelas 16 horas e meia, faleceu na sua residencia, á Rua D. João I.^o, o honrado José Maria Gomes Alves que, durante mais de 30 anos exerceu profeci- entemente o cargo de chefe da Secretaria da Câmara Municipal, desta cidade.

Dum trato afável e duma lha- neza de carácter que cativavam, a sua morte foi sentida profunda- mente por todos aquêles que com êle conviveram, e, dadas as cir- cunstâncias em que ocorreu, mais fez aumentar o pesar dos seus amigos.

É que Gomes Alves, sempre leal e sempre funcionário exem- plarissimo, teve como última re- compensa do seu trabalho o deixar a família em precárias circuns- tâncias e o receber os maiores in- sultos que imaginar se pode.

Foi um perseguido, um homem que morreu pelas bofetadas que levou imerecidamente, e se foi vítima de doença, essa foi declarada por motivo de baixaza de carácter dos que o atiraram para o leito... da morte.

Que remorsos—que remorsos podem sentir os paralepípedos!—, que mancha negra, que dedada fatal não há-de gravar-se nos espí- ritos daquêles que até ao último momento da sua vida tripudiaram sobre aquêlé espírito verdadeira- mente liberal, sobre aquêlé cora- ção incapaz duma vingança.

Gomes Alves, que foi roubado ao convívio dos amigos por culpa dos lobos que desceram ao povoa- do, e, decerto, vencido ao peso dum veneno que lhe fizeram ingerir, quando relanceou pela última vez os seus oito filhos, teria solta- do, desferido do seu pensamento a mesma frase que Virgílio faz sair dos lábios da Dido muribun- dá, como paga da Traçoieira morte que lhe deram: "Exor- are aliquis nostris ex ossibus ultor".

Pobre amigo! Para sempre! Talvez algum dia nos dê prazer recordar-te, embora tenhamos de ti as maiores saudades!

O seu funeral que se realizou na passada segunda-feira foi sim- ples como era o seu coração—des- provido de quaisquer honrarias. Entre outros amigos, acompanharam-no á Atouguia os seguintes cavalheiros:

Bernardino Jordão, Domingos Freiria, P.^o Antonio de Jesus Tei- xeira, representado o sr. Dr. Ma- riano da R. Felgueiras, Capitão Duarte Fraga, José Luis de Pina, vice-reitor do Liceu, Capitão Luis de Pina Guimarães, A. J. Ferreira da Cunha, Dr. Mário Dias, João Faria de Sousa e Abreu, tesourei- ro Municipal, Dr. Adelino Ribeiro Jorge, Luis Filipe Coelho, repre- sentando a Comissão Instaladora da Liga da Mocidade Republicana do Norte e o Dr. Francisco Pinto Rodrigues, José Figueiras de Sou- sa, Dr. João d'Oliveira Bastos, Luis Cardoso Martins de Menezes, Tenente Albano José da Cruz, Antonio Francisco Ferreira de Castro, Visconde de Viamonte, Alferes Herculano Guerreiro, José Fernan- des Ribeiro Gomes, chefe interino da Secretaria Municipal e repre- sentando o Tenente Carlos Coel- lho, Tenente Calejo, Comandante da Secção da G. N. R., Joaquim de Sousa Pinto, Horácio Barrei- ros, Alfredo de Sousa Felix, José Maria Felix Pereira, Torcato Si- mões, José Fernandes Guimarães, Rodrigo Lobo, Luis Azenha, Abílio d'Oliveira, P.^o Carlos Simões d'Almeida, Dr. Fernando Matos Chaves, Dr. Guilhermino Rodrigue- s, Belmiro Jordão, João da Mota Ribeiro, Dr. José d'Oliveira, Américo Gouveia Ramos, Rafael da Rocha, comandando um pique- te dos Bombeiros Voluntários, e o

¿ Quem viu roubo mais descarado ?

Enquanto nos concelhos limítrofes a carne baixa, em Guimarães vende-se por uma exorbitância!

Não há dúvida que a nossa ter- ra é um meio onde só a ganância medra e, por tudo, um ambiente asfíxiador que mata quem neces- sidade tenha de nela viver.

Não há, mesmo não pode haver terra tão propensa a exploração como a nossa, onde se viva com tanta dificuldade como em Guima- rães.

Seja em que ramo de comércio fór, seja pelo que fór, é pecha que recai sobre cada vimaranense o abuso de... bem roubar o seme- lhante.

Imaginem que temos de nos ha- ver agora com os marchantes, e que somos forçados a gritar bem alto que, bem contrários a benefi- cios do público, esses cavalheiros fazem monopólio do negócio que exploram e veem rouban- do—é este o termo que melhor classifica o nosso pensamento—o consumidor duma maneira verda- deiramente descaradona.

¿ Pode lá admitir-se que, tendo baixado o gado, os cavalheiros continuem a vender a carne ao mesmo preço?

¿ Será crível, que vendida que é a carne muito mais barata, em Fafe e Póvoa de Lanhoso, aqui se conservem ainda os mesmos pre- ços, num desejo de bem prejudi- car a bolsa dos que tem precisão de a comprar?

¿ O que acontecerá a um pobre que adoça e que tenha neces- sidade absoluta de, para se resta- belecer, ter de mandar comprar carne?

¿ Que é feito de todos os pruri- dos de humanismo, de auxílio ao semelhante?

A quem superintende no assun- to chamamos a nossa atenção para que não tenhamos de voltar á car- ga, com uma violencia que redob- re de clamôr em defesa da clas- se consumidora.

Providências, senhores!
Providências!

Caixa Geral de Depósitos,
: Crédito e Previdencia :
Casa de Crédito Popular
Agência n.º 69

Para os devidos efeitos se anuncia, nos termos do art.º 1270 do Regulamento apro- vado por Decreto n.º 8162, de 29 de Maio de 1922, que a partir do dia 11 de Julho pró- ximo se procederá á venda em leilão dos penhores que sancionam os empréstimos effectuados que tenham um atrazo de Juros de mais de trez mezes.

A Agência n.º 69 receberá juros em divida até ao dia 10 do referido mez, depois do que os resgates ou renovações dos contratos ficam sujeitos ao pagamento da taxa fixada para despesas de leilão.

Guimarães—Agência da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdencia, 8 de Junho de 1930.

O Chefe,

(a) Joaquim Eduardo da Silva.

piquete da G. N. Republicana. Não houve turnos.

«A Velha Guarda» sentindo a perda do correligionário valioso, á família enlutada apresenta os mais sentidos pésames.